

POSTER\*

**DISTÚRBIOS ARTICULATÓRIOS: ALGUMAS REFLEXÕES**

Rosana BENINE (LAEL/PUC-SP; PUC/PR)

*ABSTRACT: The aim of this paper is to discuss some theoretical questions related to the specific way speech therapists approach Linguistics and other fields, i.e., Medicine and Psychology. It focuses on problems which could be raised while I was dealing with the communicative disorder labelled "articulatory disorder or phonological disabilities". I bring forth the argument that much of the blurred scenario which characterises and circumscribes tentative theoretical and methodological approaches in Speech Pathology and Therapy, related to the above mentioned phenomenon, is a result of the unfruitful speech therapists' move toward other theoretical domains.*

O movimento de aproximação da Fonoaudiologia a outras áreas do conhecimento expressa o modo mesmo de instituição desse campo. Medicina, Psicologia e Lingüística foram e são espaços bastante freqüentados pela Fonoaudiologia. Movimentos desse tipo podem, no entanto, ser ou não "salutares". Várias são as disciplinas que se estruturam / re-estruturam a partir da influência de outras áreas. Cabe indagar, então, como este movimento foi (é) feito pela fonoaudiologia quando ela se aproxima de outras disciplinas. Ao que tudo indica, a Fonoaudiologia vai em busca de respostas<sup>1</sup>. Respostas para as interrogações colocadas pela clínica, pelas falas particulares que ali se apresentam. Entende-se, assim, o porquê do movimento desse campo em direção à Lingüística.

Lier-De Vitto (1995) diz que essa relação parece ser tão antiga quanto a origem da Fonoaudiologia já que, nesta última, a linguagem também está em pauta. Quero dizer que a Fonoaudiologia supõe à Lingüística um saber sobre a linguagem. No entanto, ao dirigir seu apelo, ela apaga as questões que emanam do material lingüístico dos pacientes ao procurar submetê-los aos instrumentais descritivos daquele campo. É esse movimento de aplicação que sustenta a ilusão de um trânsito livre, sem tensão entre essas áreas. Certas noções são trazidas e alocadas na Fonoaudiologia. Elas não "inspiram" mas ocupam todo o espaço. Não são, assim, "instrumentos" de leitura, fazendo uso da terminologia proposta por Pecheux (1969).

A esse tipo de movimento, Mota Maia, E. (1985), deu o nome de "empréstimo". Aproximação inadvertida e reducionista que configura as aplicações e que barra o "diálogo"<sup>2</sup> entre disciplinas.

Para ilustrar o que disse acima, lembro a hipótese de Jakobson(1940) sobre a existência de dois períodos distintos na produção de sons pela criança: o do balbucio e o da fala propriamente dita, quando tem início a emergência de contrastes. Tal hipótese foi tomada como parâmetro para a avaliação e a terapia

\* Sessão de Posteriores Coordenados "Aquisição de Linguagem e Patologias da Linguagem: Questões e Discussões".

<sup>1</sup> Sobre isso, ver Lier - De Vitto (1995), "Novas Contribuições da Lingüística para a Fonoaudiologia".

<sup>2</sup> "Diálogo" no sentido de Lier-De Vitto (1994, 1995: 3,4). Diálogo enquanto "encontro que resulta em aprofundamento teórico, em ampliação do campo de questões, em riqueza de explicitação de conceitos, em outras vias de penetração nos mistérios da linguagem".

dos ditos Distúrbios Articulatorios. Essa aplicação não escapa à redução das produções da criança a elencos de acertos e erros/desvios. Esquecido, porém, foi o pensamento do autor acerca da linguagem e de seu funcionamento.

Destacados de seus arcações teóricas, os instrumentais descritivos são inadvertidamente aplicados às falas dos pacientes e produzem uma “taxonomia às avessas”, como pontua L. Arantes (1994), ou seja, é elencado aquilo que “falta” como um “de fora” que o aparato não pode abarcar (Lier-De Vitto, no prelo), exatamente o que nas produções dos pacientes não é “gramatical”.

Frente a esse estado de coisas, foi que alguns fonoaudiólogos, envolvidos numa reflexão teórica, vêm se propondo a estabelecer um diálogo com a Lingüística e a área de Aquisição de Linguagem em discussão com Maria Francisca Lier-De Vitto, no LAEL-PUCSP. Em alguns trabalhos como os de Arantes, L. (1994), Andrade, L. (1994), Fonseca, S. (1994 e 1995), Rubino, R. (1994) e Vieira, C. (1997) e o meu próprio (Benine Basso, 1995), temos procurado enfrentar esse desafio. Devo salientar que esse projeto teórico vem de indagações oriundas da clínica fonoaudiológica, do compromisso com o singular da fala dos pacientes e com a singularidade de cada paciente.

A reflexão que pretendo desenvolver aqui é parte de um percurso maior que está sendo desenvolvido em minha tese de doutorado, em que me disponho a estudar os ditos “Distúrbios Articulatorios/ Desvios Fonológicos”. Uso esses dois títulos como representantes de vários outros rótulos - dislalias, distúrbio articulatorio funcional, desvio fonológico evolutivo, entre outros - que designam, de modo geral, acontecimentos lingüísticos que se apresentam sob a forma de alterações nas produções dos sons da fala.

Como sugerem alguns autores (Van Riper, 1972, Van Riper & Emerick, 1997; Eisenson, 1963; McReynolds, 1982; Faria, 1995), os “Distúrbios Articulatorios/ “Desvios Fonológicos”, além de responderem pela maioria dos quadros que freqüentam a clínica fonoaudiológica, escondem, sob uma aparente simplicidade/facilidade de caracterização e de tratamento, questões que permanecem sem respostas há décadas. Chamo a atenção para o par “Distúrbio Articulatorio/ “Desvio Fonológico” que pode ser tomado como exemplar. Ele deixa ver dicotomias polêmicas como articulatorio-cognitivo/representacional, fonético-fonológico e motor-lingüístico, que permanecem, ainda, plenas de controvérsias<sup>3</sup>.

Controvérsias que, a rigor, não conduzem a um enfrentamento teórico na fonoaudiologia. Suponho ser este não enfrentamento que sustente a crença na “simplicidade/facilidade” do tratamento do referido quadro clínico. O objetivo do meu trabalho é exatamente inserir os DISTÚRBIOS ARTICULATORIOS / DESVIOS FONOLÓGICOS num espaço teórico em que inquietações possam aparecer e produzir questões.

---

<sup>3</sup> Refiro-me aqui à discussão que tem lugar na lingüística sobre a fonética e a fonologia suas relações e limites.

Quero dizer que é preciso ir além da aplicação que não pode ultrapassar o limite de uma pseudo-descrição insuficiente de materiais factuais de patologias de linguagem. Insuficiente, porque só permite “localizar o erro”, como diz MILNER (1987) e, no caso dos Distúrbios Articulatorios, nomeá-los como “trocas”, “omissões” de fonemas, ou ainda, “processos de substituição” ou de “redução”, pelo viés de uma terminologia fonológica, entre outros.

Não que não seja preciso “localizar”. É necessário, porém, teorizar sobre o que se localiza. Em se tratando de um distúrbio localizado na fala/linguagem, não me parece possível escapar à implicação aí do funcionamento da língua. Quero dizer com isto que, mesmo que algo da fala ultrapasse o limite do “correto”, do “esperado”, ainda assim ele é um possível de língua. Insisto que é de linguagem que se trata, e que é do campo de sua teorização que se deve investigar os distúrbios articulatorios/ desvios fonológicos.

Na literatura do campo, pode-se dizer que “Distúrbio Articulatorio” é um rótulo e, como tal, limita-se a constatação de um acontecimento desviante na fala. Deparamo-nos, então, com uma primeira impropriedade do rótulo “distúrbio articulatorio” pois é de se supor que, se articulatorio, no mínimo, uma descrição deveria ser a dos “gestos motores” alterados. No entanto, a descrição de tais alterações é de outra natureza. Fala-se em: 1. Substituição de um fonema por outro, 2. Distorção de um som<sup>4</sup> padrão, 3. Omissão de um som que deveria estar presente e 4. Adição de um som. Chamo a atenção para o fato que nada resta propriamente de articulatorio nessa descrição.

É evidente, pelo que se lê acima, que o “Distúrbio Articulatorio” tem sido abordado de uma maneira bastante intuitiva. No entanto, é possível inferir, a partir de termos como: dificuldade de realizar sons e erros de articulação, que a idéia subjacente e norteadora é a de que se trate de uma dificuldade motora, de algo afetado na fisiologia do movimento. Mas, a categoria articulatorio não se sustenta por si: é bastante freqüente a presença do dito distúrbio articulatorio sem que se possa identificar inabilidades motoras.

Apesar dessa constatação clínica, não se pode dizer que ela tenha feito problema para os estudiosos e clínicos dos “Distúrbios Articulatorios”. Note-se, por exemplo, que a questão gira em torno de uma hipótese que não se confirma, a saber, que o “distúrbio” é consequência de uma inabilidade motora. Nesse caso, não seria implausível levantar a questão: será que o “distúrbio” é mesmo articulatorio?

Embora essa questão não tenha sido formulada, pode-se reconhecer que ela foi e tem sido pressentida. Digo isso porque autores como Van Riper (1972/97:178) afirmam sobre os “Distúrbios Articulatorios”: que “This matter is not simple” ou “Esse assunto não é simples”. Importante é reter que “this matter is not simple”, porque o assunto parece traduzir uma tensão entre “tirar o orgânico” e o

---

<sup>4</sup> Note-se o intercâmbio entre os termos “fonema” e “som”.

que por em seu lugar. Falta, além disso, produzir uma reflexão sobre qual a relação do orgânico/articulatório com a linguagem.

O mesmo pode ser dito quando se tira de cena a “boca que fala”, para ali introduzir o “ouvido que ouve”. Da boca para o ouvido pouco muda, ou melhor, muda apenas uma localização “orgânica”. Nessa permutação, o foco volta-se para a percepção auditiva. Curioso é que os resultados das pesquisas são, invariavelmente, ditos contraditórios e “inconclusivos”: nos testes de percepção auditiva, as crianças com distúrbio articulatório apresentam discriminações diferentes para a “fala do outro” e para “sua própria fala”. Diz-se frente a isso, que se trata de ausência de “self-discrimination”, ou seja, diz-se que a criança discrimina sons na fala do outro, mas não os discrimina na própria fala. Esse é um lugar privilegiado, ao meu ver, para problematizar o par emissão/recepção aceito com naturalidade na fonoaudiologia. Digo isso porque do ponto de vistas estritamente orgânico, há ou não há discriminação, não se pode supor intermitência auditiva<sup>5</sup>.

Este “achado” é freqüentemente observado na clínica e provavelmente todos os fonoaudiólogos já tiveram a experiência como a que tive com um de meus pacientes que, ao ser indagado sobre o motivo de sua presença ali, respondeu sem titubear: “eu vim aqui porque em vez de falar *dorila* eu falo *dorila*”. Mas, para além do aspecto chistoso dessa fala, ela levanta uma interrogação. Ela põe lado a lado o estranho e o não estranho. “Estranho” para o terapeuta que, perplexo não sabe o que fazer diante desse “nonsense”, e, ao mesmo tempo, “não estranho” para a criança que responde como se, de fato, uma diferença/oposição tivesse sido realizada em sua fala.

A questão que faço é: como abordar senão teoricamente a problemas dessa natureza? Reduzí-las a conseqüência de mau funcionamento motor ou perceptual é evitar o enfrentamento de questões como a que formulei acima.

Quanto ao par “lingüístico-organizacional”<sup>6</sup>, que veio substituir o par “articulatório-motor” no início dos anos 70, vemos que as alterações na produção dos sons da fala passaram a receber a atenção de lingüistas interessados, como diziam, em esclarecer o padrão de desenvolvimento fonológico infantil. Concluíram pela natureza fonológica de tais alterações.

Se, de um lado, a aproximação à fonologia produziu, digamos, “um refinamento descritivo” para o material dos pacientes, de outro lado, ela não trouxe mudança terapêutica substancial desses casos<sup>7</sup>. De fato, os então “distúrbios articulatórios” mudaram de título mas não ultrapassaram o limiar de mero material empírico a servir de palco para a discussão de hipóteses fonológicas.

---

<sup>5</sup> Agradeço a Profª Drª Maria Francisca Lier-de Vitto por esta pontuação.

<sup>6</sup> No Brasil, essa abordagem passou a ser desenvolvida em meados dos anos 80, pelo grupo de Pesquisadores da PUCRS, inicialmente orientados pelo prof. Dr. M. Yavas e continuada por Lamprecht e Hernandorenga.

<sup>7</sup> Acompanho aqui, Faria (1995).

Deve-se reconhecer, no entanto, que um problema que aparece na fala passa a ser trabalhado num campo que lhe é mais pertinente - a fonologia -, um espaço lingüístico. Assim, esses acontecimentos passam a receber um tratamento a partir do e no campo da lingüística. Tratamento, esse, que foi, como de praxe, acolhido por fonoaudiólogos. O resultado foi que:

- as descrições dos dados desviantes são feitas por meio de sua exclusão: o paciente não faz “x”;
- a explicação do “distúrbio” é remetida a uma instância outra, a cognitiva;
- nem a descrição e nem a explicação instruem a terapêutica, que se mantém atrelada a teoria da aprendizagem - do “estimular”/ “corrigir”.

Nova roupagem para um mesmo manequim!

O que apresentei até o momento parece-me suficiente para fazer aparecer o que sinalizei no início deste artigo sobre o modo de aproximação da Fonoaudiologia à Lingüística. Posso, a partir disso, apontar para o fato de que, como disse Lier-De Vitto, “não é qualquer concepção de linguagem que poderá responder às exigências do material que transita nos consultórios fonoaudiológicos...” (1994:15/16). Isso porque: “Um encontro entre disciplinas, para ser rentável e enriquecedor, não poderá resultar de uma escolha aleatória, de um gosto ou admiração alienada por uma arquitetura teórica. A natureza dos objetos deve suscitar questões que darão voz a ambas as partes, que as porão em dialogia.”(op.cit.:16) (ênfase minha).

Pergunto, agora, que “objetos suscitam questões” na Fonoaudiologia, senão aqueles que são ditos patológicos? Com que Lingüística pode-se dialogar?

Começo dizendo que não poderá ser uma gramática. A construção de uma gramática deriva de um procedimento de regularização que obedece a exigência de apagamento do irregular, do “agramatical”. Se à Lingüística (e ao lingüista) é possível fazer um recorte empírico-conceitual que exclua os erros, ao fonoaudiólogo esse recorte é barrado. O fonoaudiólogo não pode deixar de “ouvir” as falas truncadas dos pacientes e não pode se esquivar de produzir um dizer sobre elas.

Segundo a vertente teórica, que tem sido desenvolvida a partir de Cláudia Lemos na Aquisição de Linguagem, é ainda de linguagem que se trata, mesmo quando os “erros” fazem presença<sup>8</sup>. É nessa medida que essa proposta “deixa de fazer complemento à Lingüística”, como diz M.T.Lemos (1994). Isso, ao meu ver, é exemplar para a Fonoaudiologia. Considero necessário fazer valer nesse espaço a afirmação de Lier-De Vitto (1994) sobre os monólogos da criança. Afirmação que deve fazer eco na Fonoaudiologia: “não há acontecimento lingüístico “fora da lei”, fora da lei do funcionamento da linguagem”. Assim, o que na lingüística é um

---

<sup>8</sup> Essa nova direção do interacionismo, que envolve pensar as “patologias de linguagem” e as implicações teóricas das questões ali propostas para a clínica fonoaudiológica, têm sido avançadas principalmente por pesquisadores da PUC-SP e da PUC-PR, a partir dos trabalhos e orientações de M.F. Lier-De Vitto.

“impossível de analisar, segundo expressão de Milner (1987), deve ser um “possível de analisar” para o fonoaudiólogo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, M.L.G.(1994). O Fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro. In: LIER-de VITTO, M. F. (org) Fonoaudiologia no Sentido da Linguagem. Cortez: São Paulo.
- BENINE BASSO, R.(1995).Retardo de Desenvolvimento da Linguagem: o fonoaudiólogo e seu paciente. Dissertação de Mestrado. IEL - UNICAMP.
- EISENSON, J.(1963).Speech Correction in the Schools. The Macmillan Company, New York.
- FARIA, V.O. (1995). Por entre os distúrbios articulatorios: questões e inquietações. Dissertação de Mestrado (Inédita). PUC-SP.
- FONSECA, S.C.(1994). Afasia: Algumas questões... In: LIER-de VITTO, M.F. (org.) Fonoaudiologia no Sentido da Linguagem. Ed. Cortez: São Paulo.
- FONSECA, S.C. (1995). Afasia: a fala em sofrimento. Dissertação de Mestrado. inédita. PUC-SP.
- GRUNWELL. P.(1989).Os Desvios Fonológicos Evolutivos numa perspectiva lingüística. In:YAVAS M. (org.) Desvios fonológicos em Crianças. Teoria, Pesquisa e Tratamento. Mercado Aberto. Porto Alegre, R.S.
- JAKOBSON, R. (1940) Lenguaje Infantil y Afasia. Editorial Ayusso, Madrid.
- LEMOES, M.T.G.(1994) A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem. Tese de doutoramento.(Inédita). IEL - UNICAMP. Campinas.
- LIER-de VITTO, M.F.(1994)\_Os Monólogos da Crianças: Delírios da Língua. Tese de Doutorado (Inédita). IEL - UNICAMP. Campinas.
- \_\_\_\_\_ (1995) “Contribuições da Lingüística à Fonoaudiologia.” Revista dos Distúrbios da Comunicação. EDUC. São Paulo.
- \_\_\_\_\_ (no prelo)“Theory as Ideology to the Approach to Deviant Linguistic Facts”. Anais do VI Encontro Internacional de Pragmática,1998.
- MAIA, E.A.M.(1985) “A dialética da gênese e do empréstimo na constituição da psicolingüística”. Vol. 1, n.º 1 e 2, (95:106), DELTA, São Paulo.
- McREYNOLDS, L. V. (1982) “Functional Articulation Disorders” In: SHAMES & WIIG (org) Human Communication Disorders. C. E. Merrill Publishing Company. Toronto.
- MILNER, J.C.(1987).O Amor da Língua. Artes Médicas. Porto Alegre.
- RUBINO,R. (1994).“Entre ver e ler: o olhar do fonoaudiólogo em questão”. In: LIER-de VITTO, M.F. (org.) Fonoaudiologia no Sentido da Linguagem. Ed. Cortez: São Paulo.
- VAN RIPER, C.(1972).Speech Correction- Principles and Methods. Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, New Jersey.
- \_\_\_\_\_ & L. EMERICK (1997) Correção da linguagem- Uma introdução à patologia da fala e à audiologia. Artes Médicas. Porto Alegre.
- VIEIRA, C.H. “O Sujeito entre a Língua e a Linguagem. In: PARLATO, E.M. & SILVEIRA, F.B. da (org.) O Sujeito Entre a Língua e a Linguagem. Ed. Lovise: São Paulo, Série Linguagem, n.º 2, 1997.

